

Casa-grande & senzala: indiciarismo e política na obra de Gilberto Freyre

Claudio Marcio Coelho¹

Resumo: O pensamento de Gilberto Freyre foi discutido por pesquisadores de diversas áreas das ciências humanas e sociais. Muitos destes estudiosos reconheceram a importância de suas proposições para a compreensão do Brasil, outros destacaram suas deficiências, distorções e limitações. Apesar das divergências, os críticos e entusiastas da obra de Freyre concordam que a obra *Casa-Grande & Senzala* representa uma importante renovação para a pesquisa social brasileira. Freyre foi um pesquisador-detetive. Analisou diversos documentos oficiais, mas não desprezou as fontes extra-oficiais. O autor utilizou fontes inovadoras como: *'livros de etiqueta'*, *'cadernos de modinhas'* e de *'receitas de bolos e doces'*, entre outras. Freyre interpretou suas fontes como *'indícios reveladores'* e encarou o passado colonial brasileiro como um enigma, convidando seus leitores a refletir sobre a infância do Brasil. O indiciarismo presente na análise freyreana permitiu a identificação de aspectos estruturantes de nossa cotidianidade colonial. Aspectos micro-sociológicos da história íntima surgiram dos encontros e desencontros entre a casa-grande e a senzala. Freyre identificou *'indícios'* acerca de nossa formação política: relações que persistem ao longo de nossa história – mandonismo, autoritarismo, personalismo, favorecimento, particularismo e a frouxidão nas relações políticas e sociais.

Introdução

Casa-Grande & Senzala é considerada uma obra de caráter histórico-social, inovadora e polêmica que apresenta uma perspectiva a frente dos parâmetros teóricos e metodológicos discutidos pelos precursores das ciências sociais no Brasil de 1930. Nela, Gilberto Freyre descreveu a formação do Brasil com um pé na cozinha e com um olhar que mirou o canavial da perspectiva do alpendre (Ventura, 2000:76). Publicada em 1933, tornou-se um clássico da sociologia

1. Claudio Marcio Colho é Cientista Social (2000), com Mestrado em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2007). Também é Coordenador Administrativo do NEI- Núcleo de Estudos Indiciários, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da UFES. É membro da Diretoria Executiva do CEDOC - Centro de

brasileira, destacando-se juntamente com *Evolução política do Brasil* (1934), de Caio Prado Júnior, e *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, obras marcantes na análise da formação da sociedade brasileira.

Para o romancista Aldous Huxley, *Casa-Grande & Senzala* é uma obra de “valor incontestável”. O Jornal *The Economist*, de Londres, considera o livro uma “grande obra de literatura e sociologia” (apud Medeiros, 1980:215). Os antropólogos Roquete-Pinto e Darcy Ribeiro reafirmaram a importância da obra clássica de Freyre e reconheceram seu caráter indispensável como fonte de pesquisa sobre a formação do Brasil. O crítico de literatura Roberto Ventura considera o livro uma das obras mais polêmicas e significativas já publicadas no Brasil.

O ensaio de Freyre foi aclamado como uma ruptura nos estudos históricos e sociais tanto pelo tema - a formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida - quanto pela idéias, como a valorização do escravo negro e da cultura afro-brasileira, mas, sobretudo pela linguagem, fortemente oral e coloquial, avessa a qualquer ranço acadêmico ou jargão especializado (Ventura, 2000:10).

Os historiadores Lucien Febvre e Fernand Braudel, e o crítico Roland Barthes reconheceram G.Freyre como um “escritor sensível à matéria palpável”. Para estes consagrados pensadores, *Casa-Grande & Senzala* representa uma importante renovação nos estudos históricos e sociais. (Ventura, 2000:15). Freyre contribuiu decisivamente para o desenvolvimento do pensamento social brasileiro. Seu ensaísmo surgiu concomitantemente com o processo de institucionalização da sociologia brasileira (Roland, 2000:21).

Diferentemente dos entusiastas da obra freyreana, a historiadora Maria Alice Medeiros afirma que G.Freyre não elaborou um esquema alternativo de interpretação histórica (de forma “clara e consistente”) sobre a formação do

Brasil, pois adotou uma abordagem marcadamente cultural, funcional e psicológica das relações sociais, o que levou a análise a assumir “contornos indefinidos, não muito precisos, o que acaba, na verdade, por desorientar o leitor”. Os elementos culturais foram “hiperdimensionados, o que certamente prejudicou o trabalho de reconstrução histórica em sua totalidade”. Questões fundamentais para a compreensão da formação do Brasil como a dominação de classe, as relações de conflito e de exploração foram evitadas. Para Medeiros, o autor

...não desenvolve em seu trabalho uma perspectiva histórica, de tal modo que o processo de colonização do país fica reduzido, em muitas passagens, a imagens abstratas e estereotipadas da realidade retratada. Ao desprender os aspectos culturais (e nestes, os psicológicos) da sua realidade histórica correspondente, Freyre está esvaziando esta categoria de análise, transformando-as num instrumento descritivo apenas (Medeiros, 1980:224).

O sociólogo Fernando Henrique Cardoso reconhece as deficiências teóricas da obra. No entanto, apesar do conservadorismo, das idealizações, do gosto pela palavra sufocando o rigor científico e das contradições a

...etnografia do livro é, no dizer de Darcy Ribeiro, de boa qualidade [...] por trás das descrições, às vezes romanceadas e mesmo distorcidas, há muita pesquisa [...] todos que vem lendo Casa-Grande e Senzala, há 70 anos, mal iniciada a leitura, sentem que estão diante de obra marcante (Cardoso, 2003:05).

Para F.H. Cardoso “é inútil rebater as críticas, elas procedem”. O fato é que, apesar das limitações, *Casa-Grande & Senzala*, “foi, é e será referência para a compreensão do Brasil” (Cardoso, 2003:05).

O pensamento de Freyre foi marcadamente discutido por historiadores, sociólogos, antropólogos, filósofos. Muitos de seus críticos reconheceram a importância de suas proposições para a compreensão do Brasil. Outros

destacaram suas deficiências, distorções e limitações. Apesar das divergências, seus críticos geralmente concordam em um ponto importante: a obra de Freyre representa uma inovação teórica e metodológica para a pesquisa histórica e social, pois o autor pesquisou 'fontes' até então desprezadas pela maioria dos cientistas sociais brasileiros na década de 30.

1- O indiciarismo na obra de Gilberto Freyre

No prefácio à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*, Freyre descreveu as fontes que pesquisou: *confissões e denúncias reunidas pela visitaçao do Santo Ofício; livros de assentos de senhores de engenho; cadernos 'recolhedores de fatos'; inventários; cartas de sesmaria; testamentos; correspondência da corte e ordens reais, pastorais e relatórios de bispos; atas de sessões de Ordens Terceiras, Confrarias e Santas Casas; atas e registro geral da Câmara de São Paulo; livros de batismo, de óbitos e casamentos; autos de processos familiares; estudos de genealogia; relatórios de juntas de higiene; documentos parlamentares; estudos e teses médicas; documentos publicados pelo Arquivo Nacional, pela Biblioteca Nacional e Instituto Histórico Brasileiro, pelos Institutos de São Paulo, Pernambuco e Bahia; cartas e arquivos de famílias; livros de viagem; cartas de Jesuítas; livros e cadernos de modinhas, de receitas de bolos e doces; coleções de jornais; livros de etiqueta; relatos, cantigas e contos do folclore rural; relatos de ex-escravos; literaturas do romance brasileiro.*

As 'fontes' analisadas pelo autor denunciam a realização de uma pesquisa marcadamente detalhada, abrangente e inovadora. A importância que Freyre atribuiu a fontes como: *cadernos 'recolhedores de fatos', cartas, livros de viagem, cadernos de modinhas, receitas de bolos e doces, jornais, livros de etiqueta, relatos de ex-escravos, cantigas e contos do folclore rural*, entre outras, demonstram a renovação metodológica que inaugurou nas ciências sociais brasileiras em 1930.

Gilberto Freyre utilizou um *método* de pesquisa que valorizava as 'fontes' marginais, documentos de pouca importância para a pesquisa científica acadêmica².

O historiador italiano Carlo Ginzburg está estudando um modelo epistemológico que considera milenar, pois remonta as origens da própria humanidade. Este paradigma está alicerçado na valorização, investigação e análise de dados pequenos, irrelevantes, imperceptíveis e infinitesimais, geralmente desprezados pelos pesquisadores. Trata-se do *Paradigma Indiciário*.

A investigação indiciária sempre esteve presente no cotidiano dos primeiros grupos humanos, principalmente nas técnicas utilizadas pelos caçadores. O homem aprendeu a importância da observação e da intuição desde os primórdios da história humana.

Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barbas. Aprendeu a fazer operações com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. [...] O caçador teria sido o primeiro a 'narrar uma história' porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas uma série coerente de eventos. 'Decifrar' ou ler' as pistas dos animais são metáforas (Ginzburg, 1989:151-2).

² Compreendemos o termo *método* como uma *ferramenta* que o pesquisador utiliza no estudo dos fenômenos por ele investigados. De fato, Gilberto Freyre praticava o que os especialistas chamam de pluralismo documental, teórico e metodológico. Nosso propósito neste artigo, é identificar e discutir como Freyre lançou mão dos princípios e procedimentos do *método indiciário* na pesquisa social. Um *método* marcadamente plural, e que faz uso de diferentes procedimentos na investigação e análise dos fenômenos estudados, exigindo uma postura teórico-metodológica pautada por uma perspectiva *inter* e *transdisciplinar*.

Para Ginzburg, o Paradigma Indiciário ainda não foi devidamente teorizado e sistematizado como um modelo científico de análise da realidade. O autor pretende demonstrar sua importância nas ciências humanas, o que possibilita o reconhecimento de um modelo epistemológico que valorize aspectos fundamentais na análise histórica. A história humana pode ser reconstruída (desvendada) com base em rastros, pistas, indícios (Ginzburg, 2002:57). Para tal, o pesquisador deve rejeitar a facilidade do paralelo, ou seja, deve desconfiar das interpretações, das inferências e das conclusões imediatas e prematuras. O pesquisador precisa duvidar das evidências, pois “o que caracteriza esse saber é a capacidade, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a realidade complexa não experimentável diretamente”, pois “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (op. cit, 1989:152 e 177). Ginzburg lembra que, “ninguém aprende o ofício de conhecedor [...] limitando-se a pôr em prática regras preexistentes” (op. cit, 1989:189).

Segundo Ginzburg, “por volta do final do século XIX, emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas um modelo epistemológico (caso se prefira, um paradigma) ao qual até agora não se prestou suficiente atenção”. Embora amplamente operante este paradigma não foi “explicitamente” teorizado. Sua análise talvez possa ajudar na superação dos incômodos resultantes da contraposição “racionalismo” versus “irracionalismo” (op. cit, 1989:143).

No ensaio *‘Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário’*, da obra *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História* (1989) Ginzburg analisa as raízes do paradigma indiciário na modernidade. O autor constrói uma abordagem detetivesca do tema e investiga as bases deste modelo epistemológico a partir da contribuição pioneira do médico e especialista em arte, o italiano Giovanni Morelli. Morelli desenvolveu um método de investigação da autenticidade de obras de arte pictórica (quadros). Seu método foi considerado revolucionário e inovador por seus admiradores; mecânico e grosseiramente positivista por seus críticos mais contundentes. De qualquer forma, Morelli provocou uma revolução

nas galerias de arte da Europa entre 1874 e 1876. Esta discussão alcançou tamanha notoriedade que até hoje os historiadores da arte discutem o método morelliano.

Ginzburg explica o método morelliano a partir das proposições do próprio Morelli.

Os museus da Europa, dizia Morelli, estão cheios de quadros atribuídos de maneira incorreta. Mas devolver cada quadro ao seu verdadeiro autor é difícil: muitíssimas vezes encontramos frente a obras não-assinadas, talvez repintadas ou num mau estado de conservação. Nestas condições, é indispensável poder distinguir os originais das cópias. Para tanto, porém (dizia Morelli), é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés. Dessa maneira Morelli descobriu, e escrupulosamente catalogou, a forma de orelha própria de Botticelli, a de Cosmè Tura e assim por diante: traços presentes nos originais, mas não nas cópias (op. cit, 1989:144).

Segundo Ginzburg, “o renovado interesse pelos trabalhos de Morelli é mérito de E.Wind, que viu neles um exemplo típico da atitude moderna em relação à obra de arte – atitude que leva a apreciar os pormenores” (op. cit, 1989:145).

O método morelliano consiste na identificação e investigação dos aspectos menos vistosos, minuciosos, geralmente negligenciados, e menos influenciados pela escola a que o pintor pertence. Os pormenores tornam-se reveladores quando são encarados *indícios* ou *pistas*. Morelli valorizava os fatos particulares na análise, e considerava os dados *secundários* ou *marginais* como *centrais* na análise. Para Ginzburg, os problemas da investigação morelliana não eram de ordem estética, mas de ordem filológica.

Segundo Wind a psicologia moderna corrobora a proposta investigativa de Morelli, pois “nossos pequenos gestos inconscientes revelam nosso caráter mais do que qualquer atitude formal, cuidadosamente preparada por nós” (apud Ginzburg, 1989:146).

A análise de Wind constitui uma “preciosa intuição” sobre a influência do método morelliano na psicanálise clínica. A analogia de Wind conduz a um trecho do ensaio de Freud, ‘O Moisés de Michelangelo’ (1914), que é pouco estudado. Neste ensaio, Freud revelou as similaridades entre o método psicanalítico e o método morelliano. No primeiro parágrafo da segunda parte, Freud afirma:

Muito antes de ter tido qualquer oportunidade de ouvir falar em psicanálise, soube que um conhecedor de arte russo, *Ivan Lermolieff*, provocara uma revolução nas galerias de arte da Europa entre 1874 e 1876, colocando em dúvida a autoria de muitos quadros, mostrando como distinguir com certeza as cópias dos originais e criando artistas hipotéticos para obras cuja suposição anterior de autoria fora desacreditada. Conseguiu isso insistindo em que a atenção deveria ser desviada da impressão geral e das características principais de um quadro, dando-se ênfase à significação de detalhes de menor importância, como o desenho das unhas, do lóbulo de uma orelha, de auréolas e de outras trivialidades não consideradas que o copista desdenha imitar e que, no entanto, cada artista executa à sua maneira própria e característica. Fiquei então extremamente interessado ao descobrir que o pseudônimo russo ocultava a identidade de um médico italiano chamado Morelli, que morrera em 1891, como Senador do Reino da Itália. Parece-me que seu método de investigação tem estreita relação com a técnica da psicanálise médica. Esta também tem por hábito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos pouco notados ou desapercebidos, dos detritos ou “refugos”, por assim dizer, de nossas observações (Freud, 2000, vol. XIII, O Moisés de Michelangelo: parte II).

Para Ginzburg, as similaridades entre Morelli e Freud quanto ao método de investigação da realidade, seja a busca de signos pictóricos (no caso de Morelli), ou de sintomas (no caso de Freud), não constitui uma notável coincidência, a partir da qual pesquisadores de áreas distintas chegaram ao

mesmo método por caminhos diferentes. Freud apreciava o método morelliano por considerá-lo “um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores” (op. cit, 1989:149).

Castelnuovo demonstrou a intrigante similaridade entre o método morelliano e o método de investigação do personagem-detetive Sherlock Homes, criado por Arthur Conan Doyle. O paralelismo entre Morelli e Holmes constitui uma comparação aparentemente sem sentido, entre um especialista em arte e um detetive de literatura de ficção. A análise pormenorizada do método de investigação de ambos é reveladora. Morelli buscava características minuciosas que identificassem signos pictóricos; Holmes, por sua vez, buscava pistas que elucidassem crimes.

Segundo Castelnuovo, no conto ‘*A Caixa de Papelão*’ (1892), Sherlock Holmes literalmente “dá uma de Morelli”. A semelhança dos métodos pode ser verificada na análise de Wind.

Os livros de Morelli – escreve Wind – têm um aspecto bastante insólito se comparados aos de outros historiadores da arte. Eles estão salpicados de ilustrações de dedos e orelhas, cuidadosos registros das minúcias características que traem a presença de um determinado artista, como um criminoso é traído pelas suas impressões digitais... qualquer museu de arte estudado por Morelli adquire imediatamente o aspecto de um museu criminal... (apud Ginzburg, 1989:145).

Ginzburg identificou um aspecto que aproxima metodologicamente Morelli, Freud e Doyle: a semiótica médica. A medicina é uma ciência que se empenha exaustivamente no diagnóstico de doenças inacessíveis à observação direta, considerando também os aspectos indiretos, muitas vezes classificados como irrelevantes, mas preciosos para o médico-observador atento. O médico fundamenta sua análise a partir de sintomas que se manifestam de forma imediata, porém não despreza os sintomas que se apresentam de forma indireta. Sua visão anato-patologista construída na formação acadêmica

valoriza os pormenores psico-fisiológicos que podem desvendar a doença. Um médico atento aos detalhes, e que aprendeu a duvidar das evidências, desenvolve um olhar treinado como um detetive a procura de pistas reveladoras. Evita a análise superficial e as conclusões precoces. Descobre que o diagnóstico resulta de uma análise detetivesca do processo saúde-doença, e desenvolve o que S.Holmes declarou no conto *'Um Estudo em Vermelho'* (1887): "Em mim a observação é uma segunda natureza" (Doyle, 1988:35).

A analogia proposta por Ginzburg poderia com justiça incluir o nome de Gilberto Freyre, pois o método de pesquisa freyreano consiste na busca de 'fontes', isto é, *indícios* reveladores acerca da formação da sociedade brasileira. Freyre foi um pesquisador-detetive, por isso, não se baseou, como "normal mente se faz, em características mais vistosas" (Morelli apud Ginzburg: 1989:144).

F.H.Cardoso revelou algumas categorias do *Método Indiciário* na obra freyreana. Para Cardoso – discípulo da escola paulista de sociologia –, Freyre analisa 'fragmentos' (pormenores) e convida seus leitores a construir '*pistas*' (indícios) para entender relações sociais e históricas.

...Gilberto Freyre não conclui. Sugere, é incompleto, é introspectivo, mostra o percurso, talvez mostre o arcabouço de uma sociedade. Mas não "totaliza". Não oferece, nem pretende, uma explicação global. Analisa fragmentos e com eles faz-nos construir pistas para entender partes da sociedade e da história (Cardoso, 2003:6).

Mas o *Método Indiciário* não busca a rigorosidade científica no sentido da ciência galileana. Seu rigor se constrói de forma flexível, aliado a sensibilidade, instinto e técnica, que se articulam para o alcance de uma verdade possível, superando a "verdade" absoluta dos positivistas e a impossibilidade da "verdade" dos pós-modernos.

Este método constitui formas de saber ou conhecer a realidade, que são imponderáveis, pois dependem do golpe de vista, da intuição e do faro do pesquisador. A força do método indiciário está na representação da realidade de forma concreta, e sua fraqueza está na dificuldade de submetê-lo as vantagens da abstração teórica.

De fato, Freyre confiava em sua intuição e faro de pesquisador. Sua obra apresenta-se como uma espécie de sociologia da auto-análise, onde o autor constrói a história de suas memórias íntimas a partir da conciliação de *razão, emoção e rigorosidade científica flexível*. Seu *lirismo* e *saudosismo* podem ser facilmente identificados na escrita introspectiva e na narrativa emocionada do passado³.

Freyre lançava mãos de todos os recursos possíveis, nele, não se verificava “auto-censura” na escolha dos temas, às vezes o íntimo e o social se conjugavam em um só plano.

...Casa-Grande & Senzala começa pelo familiar que, segundo Hegel, é o mistério do mistério. Para alcançar o contentamento de si, o conhecimento da subjetividade do pai, da mãe, dos filhos, da criadagem. Na forma de reconstruir a vida dos nossos antepassados quase desaparece da narrativa a visão adulta. É a história da vida de menino no Brasil [...] Quanto ao método, é ele mesmo, pessoal, intransferível (Vasconcellos, 2000: 20).

Freyre ensaiou a construção de uma história do cotidiano e privilegiou temas valorizados por historiadores franceses representantes da *Nova História*, movimento que surgiu na França a partir de 1960, difundido pelos herdeiros da *Escola dos Annales*, iniciada nos anos 30, por Marc Bloch e Lucien Febvre (Burke, 1991:23). Historiadores como Fernand Braudel, interessaram-se pela história da vida material, enquanto Georges Duby e Philippe Ariès voltaram sua

³ Roger Bastide chamava Freyre de ‘Proust da Sociologia’.

atenção para a história da família, da sexualidade, do amor, do corpo e das mulheres, valorizando o estudo do cotidiano e da vida privada.

O historiador Peter Burke lembra que Fernand Braudel esteve no Brasil, passando pela USP, nos anos 30, quando ministrou aulas memoráveis. Naquela ocasião, Braudel conheceu Gilberto Freyre e ficou impressionado com a representação da casa-grande como “microcosmo e como metáfora da sociedade híbrida, agrária e escravocrata”. Braudel escreveu a introdução à edição italiana de *Casa-Grande & Senzala*, em 1965 (Burke, 1991:116; Ventura, 2000:86).

Obras literárias, como os romances históricos dos irmãos Goncourt exerceram influência no pensamento freyreano. Para os Goncourt, a história íntima de um povo é um “verdadeiro romance”. *Casa-Grande & Senzala* apresenta similitudes com grandes obras romanescas como *A Comédia Humana*, de Balzac (1799-1850), *O Ciclo dos Rougon-Macquart*, de Zola (1840-1902). Nestas obras, os romancistas franceses procuram entender, de forma semelhante aos historiadores sociais, a interação indivíduo-sociedade ou sociedade-indivíduo (Ventura, 2000:61-62).

2- Indiciarismo e política no pensamento de Gilberto Freyre

Para Freyre, a sociedade brasileira “nasceu na intimidade da vida privada das fazendas, das Casas-Grandes, das Senzalas, acima do Estado e da Igreja” (Roland, 2000:25). A igreja era subserviente aos senhores de engenho. A figura do Estado só entrou em cena com a chegada da corte de Dom João VI, no início do século XIX, momento de centralização política, de urbanização e de re-europeização do Brasil.

O português trouxe para o Brasil comportamentos ligados a sua plasticidade cultural, a valorização dos excessos e paixões, ao personalismo das relações

sociais. Estas características somaram-se a colonização implantada nos trópicos: Senhores de Engenho com poder de verdadeiros Senhores Feudais; Sociedade Patriarcal, Agrária e Escravocrata centrada no poder de Famílias Influentes; subserviência da Igreja; ausência de um Estado Organizado⁴.

Este contexto contribuiu para que a vida pública se confundisse com a vida privada. Este fenômeno foi estudado pelo antropólogo Roberto Damata. Na obra *Carnavais, Malandros e Heróis* (1979), Damata discute esta característica da formação do Brasil. A Casa e a Rua se confundem nas relações sociais. A Rua – espaço público, muitas vezes se torna a extensão da Casa – espaço privado. A vida pública tornou-se o palco da valorização dos excessos, das paixões pessoais e a extensão dos interesses da vida privada (Damata, 1979).

Os senhores de engenho e as famílias mais ricas transferiram para a vida pública seu autoritarismo e seus interesses particulares. Eis a gênese do autoritarismo, do coronelismo e do oligarquismo na sociedade brasileira. Você sabe com quem está falando? Eis o eco do mandonismo dos Senhores de Engenho, e de seus herdeiros: os Coronéis.

Ricardo Benzaquen de Araújo (1994) ressalta um aspecto, que a primeira vista, não é percebido pela maioria dos leitores e críticos da obra freyreana. Para Freyre, as paixões e seus excessos foram sempre gabados pelos colonizadores. Esse contexto sócio-cultural não favoreceu a vida pública e menos ainda a democracia. Sua análise descortina algo aparentemente surpreendente, o aspecto político de sua obra, um “politicismo, como tudo nela, original” (Cardoso, 2003:07).

Como vemos, a obra freyreana revela indícios importantes acerca de nossa formação política, e apresenta os desafios da consolidação da democracia brasileira. A vida pública é vivenciada pelos brasileiros como a extensão das

⁴ Em *Raízes do Brasil* (1936), Sergio Buarque de Holanda corrobora a análise de Freyre. Para Holanda, o elemento português instituiu no Brasil, uma sociedade caracterizada pela “falta de hierarquia organizada” e pela “frouxidão das relações sociais” (Holanda, 1988).

relações familiares, e as raízes desta invasão do público pelo privado devem ser procuradas na história íntima da casa-grande – microcosmo social e cenário multifacetado das relações de mandonismo e de favorecimento na história das relações políticas no Brasil. De fato, o estudo de Gilberto Freyre desnuda o vínculo entre a história íntima e a instância política.

As relações sociais construídas na intimidade da casa-grande constituem o embrião da formação do Estado brasileiro. O mandonismo dos coronéis e o nepotismo das oligarquias, fenômenos sociais que tanto influenciaram nossa história política, têm suas origens na tirania dos senhores de engenho e na supremacia das famílias mais ricas do regime patriarcal-rural.

O politicismo de Freyre, embora acusado de conservadorismo, contribuiu para a elaboração de obras clássicas do pensamento político brasileiro, como: *Os Donos do Poder* (1958), de Raymundo Faoro. Faoro valorizou as proposições sociais e políticas da análise de Freyre. No Brasil patriarcal-rural sempre prevaleceu o que Faoro chama de “o poder das minorias”.

Segundo o cientista político Mauro Petersen, talvez a maior contribuição e inovação do pensamento político de Freyre tenha sido sua constatação de que o Brasil de 1930, não era um país de brancos, negros ou índios. O Brasil se formou como um país híbrido, como uma nação mestiça. Freyre superou as proposições racistas de Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha (pioneiros das ciências sociais brasileiras), e elaborou uma teoria social que valorizou o aspecto positivo da miscigenação, reafirmando o caráter mestiço de nossa formação. Apesar das limitações e das acusações de conservadorismo, o pensamento político freyreano desnuda *indícios políticos* importantes, que não podem ser ignorados.

Referências

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

BURKE, Peter. *A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Quase mito*. Caderno mais! Brasil: frente e verso. Jornal Folha de São Paulo, nº 606, p. 4-7, ano 2003.

DAMATA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. São Paulo: Zahar, 1979.

DOYLE, A. Conan. *Um estudo em vermelho*. São Paulo: Ática, 1988.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1958.

FREUD, Sigmund. *O Moisés de Michelangelo*. In: **Edição Eletrônica das "Obras Completas de Freud"**. Trad. Jayme Salomão. – São Paulo: Imago, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

_____. *Relações de força – história, retórica, prova*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

MEDEIROS, Maria Alice de A. *Casa-Grande & Senzala: uma interpretação*. Dados, Revista de Ciências Sociais. – Rio de Janeiro, vol. 23, nº 2, 1980, 215 –236 pp.

ROLAND, Maria Inês de. *Gilberto Freyre*. São Paulo: Ícone, 2000.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *O xará de Apipucos*. São Paulo: Casa Amarela, 2000.

VENTURA, Roberto. *Casa-Grande e Senzala*. São Paulo: Publicafolha, 2000.